

MESTRE AFONSO ARINOS

FRANCISCO MARIALVA MONT'ALVERNE FROTA

No quadro das instituições políticas da República, o exercício parlamentar da liderança de Afonso Arinos de Melo Franco é um dos que propicia, ao pesquisador, melhor alento, mercê do vigor com que bracejou, no hemiciclo do Congresso Nacional e no profícuo trabalho de jurista nas Comissões que integrou e presidiu, na Câmara dos Deputados e Senado Federal, os ideais do Grêmio que abraçou e os vigamentos da democracia governante, por confluírem-se no mineiro da Vila de Paracatu do Príncipe uma formação poliédrica de refinado humanista, político, poeta, jornalista, professor, jurista, estadista e historiador.

Na renomeada obra do professor Afonso Arinos destaca-se uma variedade de assuntos em que a mão atenta do Mestre põe o tona da pesquisa histórica, da crítica literária, da doutrina do Direito Constitucional moderno, do tortuoso quadro evolutivo das instituições partidárias e da memorialística nacional. *Introdução à Realidade Brasileira. Preparação ao Nacionalismo, Conceito da Civilização Brasileira, Episódios da História Contemporânea, Pela Liberdade da Imprensa, Presidencialismo ou Parlamentarismo, O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa, Síntese da História Econômica do Brasil, Terra do Brasil, A Maioridade, Prefácio às Cartas Chilenas, Um Soldado do Reino e do Império, Algumas Cartas Copiadas no Arquivo de Ferdinand Denis, Desenvolvimento da Civilização*

Material do Brasil, Homens e Temas do Brasil, La Literatura del Brasil, História do Banco do Brasil, Um Estadista da República, Estudos e Discursos, Espelho de Três Faces, Idéia e Tempo, Mar de Sargaços, Portulano, Roteiro Lírico de Ouro Preto, Dirceu e Marília, Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas, As Leis Complementares da Constituição, História e Teoria do Partido Político no Direito Constitucional Brasileiro, Estudos de Direito Constitucional, Curso de Direito Constitucional Brasileira, Barra do Dia, A Alma do tempo, Escalada e Planalto, tais são os títulos da obra com que o acadêmico Afonso Arinos premia a Nação, na sua indefectível inclinação para escrever, colhendo por outro lado o irrecusável testemunho de admiração pública.

É o diplomata Afonso Arinos um exemplo dignificante de político vocacional na exata proporção com que foi cunhada, em corretivo à de político profissional, a expressão, pelo Senador Paulo Sarasate, seu colega no Congresso e integrante da representação do Ceará.

O ideal político não surgiu, no professor Afonso Arinos, tardiamente, nem repentinamente, ao revés, cedo ia dar uma dimensão atual à tradição familiar na qual desponta como figura estear seu pai, Ministro Afrânio de Melo Franco, cuja atuação agigantada, no Brasil e no Exterior, foi uma constante em larga faixa da história republicana brasileira, e em cujas pegadas pôde o filho ocupar, com o mesmo tirocínio, os cargos e funções que o primeiro já honrara com o devotamento da melhor tradição parlamentar imperial mineira.

A dimensão da ação política de Afrânio de Melo Franco foi traçada pelo filho em *O Estadista da República*, que é também uma visão ciclópica da Primeira República e da psicologia da política mineira, a tanto pôde o historiador pesquisar, igualando-se à técnica que Nabuco adotara, em igual devotamento filial para com José Tomás Nabuco de Araújo, em *Um Estadista do Império*, e que constitui, ao lado do livro de Afonso Arinos, as duas obras-primas da historiografia política nacional.

A tradição política familiar, em Afonso Arinos, não tem início no nome ilustre do seu Pai. Ainda seja Afrânio a figura primacial é mais sedimentada no veio de sua ancestralidade, que reponta ao avô materno, Cesário Alvim, e ao paterno, Virgílio de Melo Franco, para repetir-se rejuvenescida, no seu irmão Virgílio, o Ariel da Revolução de 1930, que a pena fraterna do mestre de *A Alma do Tempo*, prefaciando o livro de sua vida, de autoria de Carolina Nabuco, retratou como um homem de ambição muito mais alta que a cobiça.

O montanhês Afonso Arinos honrou, como os melhores, a tribuna parlamentar brasileira e se não é o maior orador do seu tempo, é, ao lado de João Neves da Fontoura, um momento fulgurante da oratória no Palácio Tiradentes.

Chegando à Câmara dos Deputados, Afonso, de logo adentrou-se nos meandros da técnica parlamentar, sem fazer concessões, nem a de pertencer a corrilhos, já então vicejantes, para, de imediato, transformar-se em perspicaz legislador, permeável às inovações de correntes evolutivas da democracia social, até ganhar força de apóstolo contra a discriminação racial, com projeto de lei sancionada por Vargas, a que a imprensa nacional e alienígena, justificadamente, ajuntou seu nome em homenagem comovida. Não cifrou-se à via legislativa ordinária o intento de Arinos na vedação radical contra a discriminação de raças. Mais recentemente, o publicista emérito alojou, na permanente sacrilidade do capítulo constitucional dos Direitos e Garantias individuais, a punição do preconceito de raça, esculpindo, de maneira duradoura, a nuance de sua formação humanística, ratificando, de resto, o espírito anti-racista de Bonifácio, Rui, Joaquim Nabuco, Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Ulisses Pernambuco e Gilberto Freyre, que o constitucionalista mesmo evocou em um dos livros de suas memórias.

Foi, Afonso Arinos, durante a fase sombria do Estado Novo, um ousado e destemido contestador da jugulação das liberdades, apondo seu nome no famoso Manifesto dos Mineiros, que rebentou dos ideais de Virgílio Alvim de Melo

Franco e Luís Camilo de Oliveira, inicialmente ensejados pelo centenário da batalha de Santa Rita e na leitura do livro do cônego José Antonio Marinho, *História do Movimento Político de 1842*, conforme aduz Carolina Nabuco em *A vida de Virgílio de Melo Franco*.

No final do Ciclo de Vargas, assoma o desempenho impugnatório de Afonso Arinos na trincheira da tribuna da Câmara dos Deputados, deplorando os excessos da tropilha palaciana, solta como os baguais, nas antecâmaras e desvãos do Paço, forrados no declínio físico do Ditador, a cometer desmandos e atentados. Há, nos anais parlamentares dessa quadra angustiosa das instituições políticas, um discurso do tribuno mineiro que, com razão, muitos identificam de igual efeito do proferido por Rui, à véspera da queda do Império, tamanha a veemência das argumentações.

É, José Américo, testemunha presencial do drama do Homem de São Borja, na reunião ministerial que antecedeu à deserção de Vargas, quem, nas páginas do seu *Eu e Eles*, reconta com vigor a onda de amargura em que se esbatia o Presidente, antes de ferir-se no seu desespero.

A vida de Afonso Arinos não se cinge aos quadrantes do exercício da política nacional. Idêntica a de Afrânio, extrapola-se, como se o destino estivesse a indicar que o filho devesse perseguir, como internacionalista, mais uma faceta de ação de seu pai, nas assembléias e organismos estrangeiros. Em Genebra, na Conferência Internacional de Desarmamento, é o Consultor Jurídico da Delegação Brasileira. O mirante desta caminhada dá-se após a escalada de sua atuação na Conferência Interamericana de Caracas, com a sua indicação, durante o Governo Jânio Quadros, para o Ministério das Relações Exteriores, ao qual retorna, à época parlamentar, precisamente no Gabinete Brochado da Rocha. Nessa fase de atuação de política internacional, Afonso de Melo Franco tem portentosa atuação como Delegado do Brasil nas Nações Unidas, e como Embaixador Especial na abertura do Vaticano II.

A parte mais fascinante da extensa obra do Mestre Afonso Arinos é a de suas memórias, em que, em linguagem terça, revive o tempo, retrata os personagens, numa reconstituição de lapidário, nas quais são comuns a policromia antológica do seu estilo, o boleio da frase e os tons de ternura.

Não há em *A Alma do Tempo*, *A Escalada* e *Planalto*, depoimentos vingativos ou revelações pérfidas. A tríade literária é a reconstrução de um mundo intensamente vivido, com referências biográficas e históricas, tecidas literariamente na cristalização de uma forma escorreita, sem ser contudo intenção premeditada do autor o que faz ressaltar o brilho do escritor, ao lado da sua expressiva notoriedade política.

É o professor Afonso de Melo Franco casado com a sra. Anah Pereira de Melo Franco, para quem tem, em *A Alma do Tempo* e *Planalto*, referências de cativante devotamento, numa afeição que transfigura em seu “assunto”, “refúgio”, “causa”. “auxílio” e “razão mais importante”, condicionando o êxito de sua vida e relevo do desempenho de sua trajetória, à Esposa. O vértice mais amorável do Homem da rua Anita Garibaldi é a delicadeza e a estima à Esposa, uma tônica que reflete o refinamento de Afonso Arinos, e o aponta como elevado padrão moral.

A aspiração da cátedra universitária, como porfia, em Arinos, foi uma dimensão que lhe seduziu, em parte movido pela evocação de Afrânio, docente da Faculdade de Minas Gerais, e ainda também pela do tio, Afonso Arinos de Melo Franco, que desde muito cedo foi acompanhado, na adoção do nome, na inclinação para ensinar e na vivência acadêmica. Concorreu, o mineiro-carioca, às vagas de Direito Constitucional existentes nas Faculdades de Direito do Rio de Janeiro e na Nacional, escrevendo as teses: “As Leis Complementares da Constituição” e “História e Teoria do Partido Político no Direito Constitucional Brasileiro”, aquela de maior profundidade técnico-jurídica, esta inovadora do painel das instituições que abordou. Na Faculdade do Rio de Janeiro, um maranhense de formação ática, o senador Clodomir Cardoso, pretendeu concorrer com o mineiro, desistindo depois, por mo-

tivos que julgou ponderáveis. Não escapa à reconstituição do memorialista, o vigor da arguição da defesa de tese, que lhe moveu a banca examinadora, integrada por exímias capacidades jurídicas, não desarraigados, alguns, do ranço da aspereza coimbrã em estocar o colega examinado.

As recordações desse filho de Belo Horizonte não refluem à tona da sua memória na instantaneidade do processo proustiano; afluem do desejo consciente de levantar as mais gratas recordações do seu tempo e da sua gente, no edifício untado de óleo de buriti. Cedo afastou-se da cidade natal, para transmutar-se, com a família paterna, para Copacabana, e, depois, no "Cap Verde", para a Europa, onde sedimenta a sua formação, deleitando-se na fascinante obra de Montaigne, Baudelaire, Goethe e Rousseau. Desse período o memorialista gravou, como acontecimento importante, a visita que fez com o pai a Raimundo Corrêa, preso ao leito, devastado pela uremia que lhe macerava a tez.

Dedicado às letras e ao convívio fraternal de amigos acadêmicos, Afonso Arinos, da Grécia, por carta enviada a Elmano Cardin, inscreve-se para o pleito do Petit Trianon depois do trespasse de José Lins do Rêgo, seu dileto amigo, concorrendo com Rosa. Vencedor, chegava à Casa de Machado de Assis, continuando uma outra tradição da família. Tempos depois é, na Academia, o recipiendário do mágico de Tutaméia. e o recebe, também, em nome de Cordisburgo e Paracatu.

Em breve, Mestre Afonso Arinos de Melo Franco estará no Maranhão. A Ilha o acolherá, nesse tempo do seu renascimento cultural, oferecendo-se a um caloroso convívio. Visitai a cidade, seus feitiços, mirantes, sacadas, azulejos e tudo o que se assemelha à visão ouropretana. Quando vos prostrardes à amurada do Cais da Sagração, da vaga gonçalvina surgirá um eco de agradecimento ao Ministro de Estado dos Negócios de Viação e Obras Públicas, Afrânio de Melo Franco, que, em 1912, assinou o contrato para a construção das obras de melhoramentos do Porto de São Luís.

São Luís (MA) 1973.